

Nas raves, uma bad trip sob controle

Como funcionam as práticas de redução de danos para as grandes festas de música

“Eu tava eufórico, ligado no 220v, feliz. Até que entrei nas brisas tortas; minha visão foi ficando mais escura, parecia que eu ia apagar. Saí total da realidade e pensei: preciso de ajuda”. Mateus Villa Real (19) chegou ao posto de redução de danos sem saber ao certo a função da assistência, mas descobriu da melhor maneira dentro das dadas circunstâncias. Villa fez o uso do LSD - uma droga sintética alucinógena -, durante o Anacã, tradicional festival de música eletrônica que ocorre todo ano em Altinópolis, interior de São Paulo.

House, Techno, Electro, Minimal, Psy Trance e Drum ‘n’ Bass costumam tocar nas grandes festas que reúnem DJs, artistas visuais e plásticos que interagem com o público por meio de suas artes. O termo *rave* nasceu em 1960 para denominar comemorações dos caribenhos em Londres, mas em meados da década de 80 se popularizou com o movimento “acid house” em Chicago, adquirindo um caráter associado à drogas como ecstasy, cocaína, cetamina e 2C-B.

Não é segredo para ninguém o fato de que uma parte considerável do público que frequenta raves faz uso de substâncias ilícitas. Entre os usuários, muitos não possuem informações sobre a procedência do que consomem e sobre os possíveis efeitos em seus corpos - variando conforme substâncias e quantidades.

Tendo em vista esse cenário, profissionais da saúde vem se reunindo no Brasil desde o início dos anos 2000 com o intuito de criar grupos de redução de danos. Essa iniciativa tem o propósito de evitar consequências nocivas decorrentes das drogas aos usuários que as ingerem por diversão, sobretudo em festas que reúnem um público predisposto e extremamente numeroso.

‘É um ambiente que favorece o uso. Não se pode tapar o sol com a peneira. Os festivais trazem o costume histórico e cultural do consumo de substâncias lícitas e ilícitas. Essa prática não é de hoje, muito menos exclusiva do trance’, diz Raul Soares, membro e fundador da Redução de Danos Espaço Zen.

Ele explica que durante as festas são montadas duas frentes. A primeira, informativa, pela qual são distribuídos preservativos, piteiras e outros utensílios para reduzir os danos no consumo das substâncias; Também há o teste colorimétrico - que prova a pureza dos ativos através de um reagente que muda de cor - para avaliar a qualidade das drogas - e panfletos e cartazes focados no esclarecimento do cuidado com o corpo. - “Se for cheirar, não use nota de dinheiro”, diz o comunicado estampado nas paredes dos banheiros e praças de alimentação. “Há quem fale que é explícito demais, mas não podemos ignorar a realidade. Não é questão de incentivar, a gente traz informação; costumamos dizer que o foco da rd não é a droga, é o usuário”.

Mesmo as mais leves, que não mudam a percepção do real, como a maconha - segundo dados da Fundação Oswaldo Cruz, a droga mais consumida pelos brasileiros-, exigem cuidados durante o uso. “É importante trazer a atenção ao corpo do usuário, é uma demanda muito forte que chega na gente; às vezes a pessoa não está alucinando nem nada, apenas não teve cautela com o básico”, diz Raul Soares.

O outro foco de acolhimento, denominado “SOS Bad Trip”, recebe usuários que já fizeram o uso da droga de maneira inadequada e passam por uma *brisa ruim* durante a experiência com os psicoativos - seja física ou mental. Terapeutas ficam à disposição para conversar e colocar os pensamentos de volta na realidade, enfermeiros oferecem primeiros socorros, dão comida e água.

“Perguntaram meu nome, o que eu tinha tomado e se eu tava sozinho. Eles ficaram do meu lado, conversaram comigo. Tentavam contornar a situação fazendo com que eu parasse de pensar em coisas ruins. Ouvi deles que para passar minha brisa eu precisava gastá-la me exercitando. Então, me levaram para nadar na piscina

e jogar bola, mesmo eu estando transtornado de doce. Tudo que podiam fazer por mim eles tavam fazendo’, relembra Mateus sobre o atendimento na ‘SOS bad trip’.

‘Nossa prática transcende a técnica, nosso princípio é fazer um atendimento humanizado, criar vínculos’, diz Raul. Por contarem com profissionais da área da psicologia, a RD possui especialistas preparados para conversar com pessoas sob o efeito de qualquer substância, sem julgar seus comportamentos.

Claro que nos últimos meses em um cenário tão crítico de pandemia, a realização de festas para públicos grandes foi impossibilitada, entretanto com a flexibilização cada vez mais intensa nos meses de Outubro e Novembro, aos poucos a vida noturna também está voltando a ativa, e para a tristeza dos médicos e do pessoal que trabalha na Redução de Danos, longe de serem apenas os pequenos eventos com público reduzido e distanciamento social. Em grandes festivais, geralmente o stand de atendimento Espaço Zen recebe entre 500 e 2.000 jovens, mas a porcentagem de eventos que disponibilizam os cuidados de uma equipe de RD no Brasil ainda é pequena. Raul acredita que o principal motivo é a falta de informação e o preconceito de que a assistência incentiva o consumo dos psicoativos. E por isso, nem todos têm a mesma sorte que o Mateus.

Glória Garcia (19), relembra os maus momentos que passou durante um festival que não possuía a equipe: “Eu tinha tomado 1,5 g de cogumelo, álcool e usei muita maconha. Tinha ido pro rolê com um pessoal que eu não conhecia e dois amigos. Quando eles foram no banheiro fiquei paranóica, parecia que tava todo mundo olhando pra mim. Comecei a despersonalizar. Entrei em um looping - parecia que já tinha vivido aquilo várias vezes. Confundia as formas e cores - ninguém tinha rosto. Tive muito pensamento suicida, foi bem perigoso.”

A ausência de atendimento para Glória evidencia o grande obstáculo que as equipes de RD enfrentam para atuar em mais eventos: a falta de investimento e conscientização. As festas costumam desembolsar mais nos DJs e na estrutura. Portanto ainda é preciso convencer os contratantes de que a assistência não é um

mero *plus marqueteiro*, mas sim uma demanda crescente e imprescindível para eventos desse porte, ainda mais pensando em um contexto pós pandemia em que a maioria dos frequentadores dessas festas ficaram meses sem consumir tais drogas, ficando assim muito mais sensíveis a seus efeitos.

‘No último semestre de 2019 teve outra edição do festival Anacã e eu fui. Fiz questão de procurar o stand de redução para agradecer o que fizeram por mim. Minha percepção do uso de substâncias mudou; é foda dizer isso, mas se não existisse a RD, hoje também eu não existiria mais, conclui Mateus.